



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
MODALIDADE À DISTÂNCIA**

KATARINA GEYSA MARQUES DE MOURA

LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS: um estudo de caso nos primeiros anos do Ensino Fundamental na Escola Municipal Santa Mônica – Itaporanga-PB

**ITAPORANGA - PB
2016**

KATARINA GEYSA MARQUES DE MOURA

LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS: um estudo de caso nos primeiros anos do Ensino Fundamental na Escola Municipal Santa Mônica – Itaporanga-PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia na Modalidade à Distância, do Centro de Educação da Universidade Federal da Paraíba, como requisito institucional para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia.

Professora Orientadora: Ms. Charya Charlotte Bezerra Advíncula

ITAPORANGA - PB

2016

M929I Moura, Katarina Geysa Marques de.
 Leitura e escrita nos anos iniciais: um estudo de caso nos
 primeiros anos do ensino fundamental na Escola Municipal
 Santa Mônica - Itaporanga-PB / Katarina Geysa Marques de
Moura.- Itaporanga-PB, 2016.
 27f.
 Orientadora: Charya Charlotte Bezerra Advíncula
 Trabalho de Conclusão (Mestrado) - UFPB/CE
 1. Pedagogia. 2. Educação. 3. Leitura. 4. Leitura -
 estímulo - estratégias. 5. Práticas de leitura.

UFPB/BC

CDU: 37.013(043)

KATARINA GEYSA MARQUES DE MOURA

LEITURA E ESCRITA NOS ANOS INICIAIS: um estudo de caso nos primeiros anos do
Ensino Fundamental na Escola Municipal Santa Mônica – Itaporanga-PB

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado em: _____ de _____ de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Ms. Charya Charlotte Bezerra Advíncula
Professor – UFPB - Orientador

Iranete Meira
Professora – UFPB - Examinador

Hélcia Macedo
Professora – UFPB - Examinadora

ITAPORANGA - PB

2016

Dedico este trabalho a cada um dos que me fizeram prosseguir nessa longa jornada, o apoio de vocês foi vital. Muito obrigada.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pelo dom da vida e por remover os obstáculos mais sutis e de maior relevância do que a minha humana capacidade de percebê-los.

À minha família, por sua capacidade de crer e investir em mim, às vezes mais do que eu mesmo.

À minha filha, aos meus amigos e amigas, e ao café, por me incentivarem durante este intenso percurso.

A minha orientadora, professora Charya Advíncula, pela compreensão, paciência e por ter me estendido a mão quando nenhum outro o fez.

“Não sou obrigado a vencer, mas tenho o dever de ser verdadeiro. Não sou obrigado a ter sucesso, mas tenho o dever de corresponder à luz que tenho.”

(Abraham Lincoln)

RESUMO

Um dos requisitos fundamentais da atividade pedagógica consiste em fazer com que a criança adquira capacidade de leitura e tenha acesso às informações disponíveis em meios escritos. A iniciação à leitura faz a criança compreender a imagem gráfica representada em qualquer tipo de suporte, a fim de buscar o caminho progressivo, o qual vai da imagem ao texto. A deficiência na leitura é um problema que atinge muitas crianças nas séries iniciais do ensino fundamental, fazendo com que algumas delas não consigam ter acesso à escrita, então por que tantas crianças não conseguem desenvolver o hábito da leitura? O educador perante esse questionamento deve desenvolver estratégias eficientes, capazes de estimular tal hábito. Esse trabalho procurou elencar as estratégias utilizadas pelos professores tanto na literatura como na prática pedagógica para desenvolver o hábito da leitura nos alunos, uma vez que leitores eficientes tornam-se escritores eficazes, capazes de produzir livros renovados.

Palavras-chave: Educação. Estratégias. Leitura. Práticas de leitura.

ABSTRACT

One of the fundamental requirements of pedagogical activity is to make the children acquire reading skills and have access to available information in written media. The introduction to reading makes the child understand the graphic image represented in any type of support, in order to seek the progressive path, which will image the text. A deficiency in reading is a problem that affects many children in the early grades of elementary school, causing some of them can not have access to writing, then why so many children fail to develop the reading habit? The educator before that questioning should develop efficient strategies capable of stimulating the habit. This study sought to list the strategies used by teachers both in literature and in the pedagogical practice to develop the reading habit in students, since efficient readers become effective writers, capable of producing renewed books.

Keywords: Education. Strategies. Reading. reading practices.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO BÁSICA.....	12
2.1 O conceito de leitura.....	12
2.2 A história da escrita e suas contribuições para a aprendizagem.....	13
2.3 Estratégias de leitura.....	15
2.4 LEITURA E ESCRITA: procedimentos para a aprendizagem no início da educação básica.....	17
3 O PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA NAS SERIE INICIAIS DA ESCOLA SANTA MÔNICA.....	22
3.1 A ESCOLA.....	22
3.2 A Prática docente de Leitura e Escrita no segundo ano do Ensino Fundamental.....	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	26

1 INTRODUÇÃO

Vivemos em uma sociedade letrada, sendo assim a leitura e escrita são primordiais para se viver em sociedade. Essas habilidades dão condições para que os indivíduos sejam inseridos na sociedade a qual estes fazem parte em todas as esferas. Historicamente a instituição que foi incumbida de desenvolver a leitura e a escrita é a escola, pois é nela que a criança começa a perceber a função social da leitura e com a escrita; desse modo, a escola precisa assumir essa responsabilidade, priorizando o ensino da leitura, bem como da escrita (KLEIMAN, 2004)., pois a partir do desenvolvimento dessas habilidades é que a escola pode construir as competências necessárias para a vida e o mundo do trabalho (LEI 9394/1990)

Um dos maiores desafios educacionais na atualidade está ligado a prática dessas atividades. A realidade é que muitos alunos chegam ao sexto ano do Ensino Fundamental, sem dominar completamente a leitura e a escrita. É preocupante, pois quando o aluno não lê, dificilmente terá sucesso nas outras disciplinas.

Esse trabalho é um empírico, que visa compreender como se dá o processo de leitura e escrita na Escola Municipal de Ensino Fundamental Santa Mônica, que pertence a rede do município de Itaporanga/PB. Nesse sentido pretendemos desvelar qual como o processo de leitura e escrita é desenvolvido na referida escola, nas salas do primeiro ano do ensino fundamental. Para a coleta de dados realizou-se uma observação em uma turma do 2º ano do ensino fundamental. As informações foram coletadas pela pesquisadora, durante as aulas, baseando-se nos conteúdos aplicados em sala.

É fundamental que no processo de aprendizagem da língua escrita, em virtude da sua importância, a criança aprenda a relacionar a modalidade oral com a escrita, ajustando-as formal e funcionalmente conforme a necessidade. Com essa transividade a criança passa a afirmar e ampliar a sua experiência linguística anterior mesclando-as com seus próprios conhecimentos, tornando-se mais reflexiva e crítica.

O profissional em educação deve procurar recursos propícios para que o aluno possa ter condições de desenvolver e interagir nos textos disponíveis pela escola.

Existem muitos fatores que impedem a aquisição da leitura e da escrita em crianças nas séries iniciais do Ensino Fundamental e o professor deverá encontrar recursos humanos para tornar a aprendizagem mais significativa tendo em vista a eficiência, atração para assim obter bons resultados.

As dificuldades de aprendizagem da leitura e da escrita precisam ser observadas e compreendidas por todos que fazem parte da vida do educando e mediam a construção do conhecimento, para que possam ser superadas, possibilitando um ensino-aprendizagem prazeroso e efetivo.

Nesse sentido, o estudo encontra-se dividido em três seções que abordam sistematicamente o tema proposto. A primeira sessão aborda a introdução do trabalho, adentrando os aspectos gerais da pesquisa, mostrando as condições necessárias para que esta se efetive.

A segunda, trata da importância da leitura e da escrita na Educação Básica, sua conceituação e suas características, além de apresentar estratégias e procedimentos para a aprendizagem dessas atividades, causas e impasses do aprender e as dificuldades para a construção do conhecimento.

Já a terceira, analisa o processo de leitura e escrita nos anos iniciais do Ensino Fundamental da Escola Municipal Santa Mônica, Itaporanga-PB, mais precisamente a prática docente de leitura e escrita no segundo ano do Ensino Fundamental, mostrando a importância de cada uma no processo de ensino-aprendizagem.

Tais pressupostos culminam com as considerações finais com uma abordagem crítica da temática, como também inquietações e anseios para que esse estudo seja um objeto de reflexão.

2 A IMPORTÂNCIA DA LEITURA E ESCRITA NA EDUCAÇÃO BÁSICA

2.1 O conceito de leitura

A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. A compreensão do texto a ser alcançada por sua leitura crítica implica a percepção das relações entre o texto e o contexto (FREIRE, 1989, p. 11-12).

As palavras acima citadas nos levam a fazer uma reflexão acerca do conceito de leitura. Permite-nos ir além do que muitos ainda a denominam, concebendo-a como uma simples decodificação mecânica de signos linguísticos, por meio de aprendizado estabelecido a partir da condição de estímulo e resposta, isto é, seria medíocre da nossa parte considerar o ato de ler apenas como um ato em que você transfere significados sem, contudo, estes terem alguma importância para a vida em questão.

A noção de mecanicidade da leitura deve estar em segundo plano, uma vez que podemos apreciá-la como processo de compreensão abrangente, cuja dinâmica envolve componentes sensoriais, emocionais, intelectuais, fisiológicos, neurológicos, tanto quanto culturais, econômicos e políticos. A atenção e necessidade no processo de leitura são dos dois conceitos.

A dicotomia compreensão/decodificação não pode ser objeto de exclusão, como nos lembra Martins (1994, p. 32) “decodificar sem compreender é inútil, compreender sem decodificar, impossível”. Torna-se evidente que as duas completam simultaneamente o conceito de leitura. Temos a leve impressão que entender os sinais gráficos ou visões é uma espécie de concretização das ideias ou da abstração que as norteia.

O aprender a ler começa a partir do contexto pessoal do leitor. Esse contexto engloba os espaços de sua vivência, as suas relações pessoais, as influências (e até a falta delas) para o desenvolvimento do hábito de ler. Nesse ponto, vale salientar o espaço da escola, por ser encarada como a instituição responsável pela acessibilidade à educação. Daí entra em questão a importância de um grande instrumento: o papel do educador. É ele o mediador de leituras, é a peça responsável por criar as condições para o educando realizar seu próprio aprendizado. Vale lembrar que para essa mediação se efetivar é preciso uma política governamental consistente, que propicie ao educador qualificação pedagógica, diversificado material de trabalho e uma remuneração digna de sua atuação.

2.2 A história da escrita e suas contribuições para a aprendizagem

A escrita está inserida em diversos objetos físicos do ambiente no qual a criança vive. Sendo a escrita um objeto de uso social, as crianças principalmente que vivem em ambiente urbano, encontram escrita por toda parte: letreiros na rua, propagandas, anúncios na televisão, rótulos de brinquedos e na escola.

Na antiguidade a escrita surgiu da necessidade de criar um sistema de contagem feito com osso ou marcas de cajados, nessa época o homem já domesticava os animais.

A escrita, segundo o autor citado anteriormente, começou de maneira autônoma e independente das regras de alfabetização, ou seja, as regras que permitem ao leitor decifrar o que está escrito.

A tentativa humana nos seus primórdios foi reproduzir um sistema gráfico que espelhasse a fala. Com base nesse aspecto específico dos sistemas alfabéticos originaram-se todas as metodologias de alfabetização.

Houve, portanto, uma alteração significativa nas convenções do sistema representativo. A formalização da escrita exigiu não só o estabelecimento de regras, como também a aprendizagem efetiva das formas e princípios da escrita.

Com a introdução da fonematização, os signos foram normatizados para que todos desenhassem da mesma forma, estabelecendo correspondências e sentimentos.

Os gregos tomaram emprestados para si o silabário fenício, como sendo à base de sua escrita. Os fenícios colocavam a vogal depois da consoante, tornando-se desta forma, norma entre os gregos, passando então da escrita silábica para a escrita alfabética.

Vale ressaltar que foram os semitas, os gregos e romanos que nos deixaram o alfabeto através de tabuinhas, pequenas pedras ou chapas de metal onde encontravam o mesmo na ordem tradicional. Sendo assim Cagliari (1998, p.113) aponta que:

Ao formar seu sistema de escrita, os semitas escolheram um conjunto de palavras cujo primeiro som fosse diferente dos demais. Como nenhuma palavra naquelas línguas começasse por vogal, a lista ficou apenas com consoantes. Essa escolha foi uma decisão muito importante porque reduziu os modelos de silabário da época, da escrita cuneiforme, por exemplo, de cerca de 60 elementos para apenas 21 consoantes. Para representá-las graficamente, foram escolhidos hieróglifos egípcios cujo aspecto figurativo lembrava o significado das palavras daquela lista. Por exemplo, a primeira palavra da lista era “alef, que significa “boi”, e o hieróglifo escolhido foi o que representava a cabeça de um boi. Dessa maneira, a figura da cabeça do boi passou a representar o som inicial da palavra alef, que era oclusiva glotal. “E assim com as demais palavras e suas respectivas consoantes”.

Para Cagliari (1998), o princípio acrofônico, o som inicial do nome das letras é o som que a letra representa, foi uma das melhores ideias da época, pois simplificou o número de letras e uma vez identificada a letra já se tinha o som para ela. Além disso, o significado dessas palavras deveria ser associado diretamente a hieróglifos egípcios, cujo seu aspecto figurativo lembraria o significado da palavra que poderiam ser usados para representar os sons iniciais. Para que a alfabetização nesse sistema ocorresse de fato seria necessário decorar a lista dos nomes das letras. De acordo com Ferreira (1995).

A necessidade de representação mediante símbolos e expressa pela escrita em que o código auxilia os seres humanos no processo de comunicação, instalando na sociedade letrada. Através da escrita, é possível indivíduo expressar o pensamento e historicamente esta invenção assume relevante papel no processo de escolarização do ser humano.

Assim, o uso da escrita desenvolveu-se ao longo da história, e hoje as sociedades letradas distribuem atividades linguísticas entre as modalidades escrita e oral, a qual mudam com a evolução histórica, e a mesma variação encontrada nessa evolução pode ser vista sincronicamente nas sociedades altamente letradas e possivelmente nas nações em via de letramento, sendo que, nesses casos, a distribuição é determinada pelas diferenças sociais funcionais e pela variação individual.

2.3 Estratégias de leitura

Ler não é só decifrar palavras. É também construir sentidos para o que se lê. Atribuir diretamente um sentido a algo escrito. Diretamente, isto é, segundo Cagliari (1989, p. 15), “não ter que passar pelo intermédio da decifração de letra por letra, sílaba por sílaba, palavra por palavra”. Ler é, sobretudo, questionar algo escrito como tal a partir de uma expectativa real de necessidade e prazer, em uma verdadeira situação de vida.

Assim, muitas vezes quem lê não consegue retirar informações num texto lido, pois para conseguir essas informações é preciso considerar os conhecimentos prévios que o leitor possui sobre o assunto e a interação com base na leitura feita.

Na leitura, as influências cognitivas atuam na construção da representação sobre o enunciado, o que faz com que ao ler um mesmo texto, diferentes leitores construam significados diferenciados, produzindo diferentes tipos de inferências.

Aprender a ler de forma competente é muito mais do que decifrar mensagens, deduzir códigos, é atribuir, questionar, duvidar, estruturar e desestruturar algo escrito a partir de uma realidade, da realidade que chamamos contexto.

Para que isso ocorra, necessário se faz implantar estratégias de leitura que auxiliam os alunos a interpretar e compreender os textos lidos de forma mais independente. Por outro lado, o professor precisa também ter consciência do seu papel, planejar suas atividades, estudar suas possibilidades para ajudar ou cooperar com seus alunos na construção do saber ler dentro e fora das circunstâncias da escola. A leitura assume importância dentro e fora da instituição escolar.

Salienta-se, pois, a importância, como prática social e cultural, da leitura. No mundo letrado, quanto mais se lê, mais se tem para refletir, analisar e pensar. Por isso, é importante repensar o tipo de leitura que se faz e que tipo de leitura não se faz. Também algumas relações entre texto e leitor devem ser levadas em conta, como as imposições escolares, formação profissional, entretenimentos, utilidade imediata ou não, entre outras tantas.

A leitura deve ser uma responsabilidade e um compromisso exigido em todas as áreas. Não se deve ter uma visão de que após a alfabetização, todos sabem ler. Também não se deve alimentar a ilusão de que a tarefa da leitura é uma atividade ou obrigação específica da área de Língua Portuguesa. É necessário derrubar esse paradigma. Urge trabalhar a leitura em todas as áreas específicas do conhecimento. Pensa-se que a escola, como um todo, deve possibilitar a ampliação da leitura de mundo, questionando e apresentando novas perspectivas para diferentes análises dos eventos que estão ao redor do alunado, apontando caminhos e projetando horizontes. Somente assim conseguiremos representar e ler este mundo com uma amplitude maior.

Para Smith (2003, p. 198),

A leitura nunca é uma atividade abstrata, sem finalidade, embora seja frequentemente estudada deste modo por pesquisadores e teóricos e, infelizmente, ainda seja ensinada deste modo para muitos aprendizes. Os leitores sempre leem algo, leem com uma finalidade; a leitura e sua rememoração sempre envolve emoções, bem como conhecimento e experiência.

Não resta dúvida da necessidade de formar leitores capazes de ler e compreender criticamente o que se lê. Há que se entender que não importa o que se lê, mas como se lê e o quanto a leitura influencia a condução de vida de cada um.

A leitura tem sido alvo de grandes discussões por parte dos educadores, já que há muitos anos se observam algumas dificuldades de aprendizagem. Cita-se como questões mais

evidentes o ensino da língua materna, a dificuldade que o aluno enfrenta, após anos de escola, para ler um texto com fluência, com ritmo, entonação e, saber compreendê-lo e interpretá-lo. Esse fato fragiliza a escolas e as práticas de leituras ali desenvolvidas.

A voz do professor muitas vezes é ouvida na voz daqueles que denunciam a situação. Denunciam como sujeitos alheios ao problema e, frequentemente, terceirizando responsabilidades, nomeando culpados.

A escola tem como função primeira oferecer aos alunos caminhos para que eles aprendam de forma consciente os mecanismos de apropriação de conhecimentos. Bem como de promover as possibilitar necessárias para que os alunos atuem criticamente em seu espaço social.

Para Soares (2002, p.73):

Essa também é a nossa perspectiva de trabalho com a leitura, pois, uma escola transformadora é a que está consciente de seu papel político na luta centras as desigualdades sociais e, para tanto, deve assumir a responsabilidade de um ensino eficiente, capaz de capacitar seus alunos na conquista da participação cultural e na reivindicação social.

O objetivo principal do uso da linguagem é a efetivação da comunicação, que por sua vez é uma construção histórico-social. A leitura assume um papel importante na sociedade letrada, porque nela as palavras ganham sentidos, instaura-se no contexto, aparece no diálogo e altera-se historicamente produzindo formas linguísticas e atos sociais importantes para a sociedade.

Assim, Vygotsky (2002, p. 07) afirma que a "transmissão racional e intencional de experiência e pensamento a outros requer um sistema mediador, cujo protótipo é a fala humana, oriunda da necessidade de intercâmbio durante o trabalho."

Nesse aspecto, a escola tem falhado muito em relação as práticas de leitura. O aprendizado fora do limite escolar é, frequentemente, muito mais motivador, pois a linguagem da escola nem sempre é a do aluno. Diante isso, podemos afirmar que conhecemos a escola que reduz, limita e expulsa sua clientela: seja pela estrutura física inadequada, seja pelas condições de trabalho dos professores, seja pelos elevados índices de evasão e repetência ou, até mesmo, pelas metodologias inadequadas.

Parece alheio falar nesses aspectos quando o assunto tratado é a leitura, Mas, a análise das questões sobre a leitura está essencialmente ligada à concepção que se tem sobre o que é a linguagem e o que é ensinar e aprender. E essas concepções passam, obrigatoriamente, pelos objetivos que se atribuem à escola e à escolarização. Uma coisa tem que ficar evidente em

relação a leitura: na escola ela deve ser vista como código e como instrumento de cognição, sem falar no seu aspecto lúdico.

Muitas das abordagens escolares derivam de concepções de ensino e aprendizagem da leitura que a limita a simples decodificação dos símbolos linguísticos. Mas, segundo Guimarães (1995, p. 08), “a leitura ultrapassa a estruturação e a relação entre o que se escreve e como se escreve e demonstra a perspectiva de onde se enuncia e a intencionalidade das formas escolhidas.”

A leitura, por sua vez, ultrapassa a mera decodificação porque é um processo de (re) atribuição de sentidos. Os que se baseiam em uma visão tradicional da leitura e da escrita continuam, no dizer de Cagliari (1989, p. 48) a:

Ver o aprendizado da leitura como o acesso às primeiras letras, que seria acrescido do reconhecimento das sílabas, das palavras e das frases, que, em conjunto, formariam os textos, e, após o conhecimento dessas unidades, o aluno estaria apto a ler e a escrever.

Se assim entendermos, essa seria, sem sombra de dúvidas, uma concepção de leitura como decifração de signos linguísticos e, por sua vez, o processo de aprendizagem seria cumulativo.

Há, no entanto, uma visão mais recente de leitura que está diretamente relacionada às atividades discursivas e às práticas sociais as quais os sujeitos têm acesso ao longo de seu processo histórico de socialização. As atividades discursivas podem ser compreendidas como as ações de enunciado que representam o assunto que é objeto da interlocução e orientam a interação. A construção das atividades discursivas dá-se no espaço das práticas discursivas.

Esse olhar voltado para as práticas discursivas de leitura são estudados ou encarados como fenômenos sociais que extrapolam os limites da escola. O trabalho realizado por meio da leitura de textos é muito mais que decodificação de signos linguísticos, ao contrário, é um processo de construção de significado e atribuição de sentidos. Pressupomos, também que a leitura e a escrita são atividades dialógicas que ocorrem no meio social através do processo histórico da humanização.

O trabalho com a leitura adquire, na perspectiva contemporânea, o caráter sócio histórico do diálogo e a linguagem preenche a representação social, que, na visão de Bakhtin (2000, p. 95) "a palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial."

Nessa perspectiva, a estrutura do significado e a semântica textual mudam de acordo com o contexto vivido. Não é simplesmente o conteúdo de uma palavra que se altera, mas o modo pelo qual a realidade é generalizada em uma palavra.

Por isso, a leitura como prática social assume um importante papel na vida do cidadão, porque o conduz a vivenciar as interações sociais significativas para o seu bem-estar individual e coletivo.

2.4 LEITURA E ESCRITA: procedimentos para a aprendizagem no início da educação básica

Quando se propõe a ensinar uma criança, precisa-se compreender como se dá o processo de aprendizagem, isto é, como o indivíduo aprende, onde o papel do educador deixa de ser o de mero transmissor de conhecimentos para ser o de mediador e facilitador da aprendizagem.

Durante a aprendizagem da leitura e da escrita na sala de aula o professor deve ser um protagonista para incentivar e estimular essas duas práticas como meta principal, mostrando ao aluno a importância do aprender a ler e escrever. Portanto, pode-se dizer que a criança em contato direto com os mais variados usos que a língua oferece, irá despertar a capacidade de ler, compreender, refletir e aplicar o conhecimento.

A leitura e a escrita devem ser uma responsabilidade e um compromisso do professor, pois o mesmo deve trabalhar os conteúdos na sala de aula procurando encontrar meios e estratégias que o ajude a trabalhar e a favorecer a aprendizagem dos alunos, e se tratando de leitura e escrita deve considerar toda gama e variedade de textos que estão a sua disposição para que o professor e aluno interajam, participem das oportunidades de saber mais, conhecendo cada universo que a leitura e a escrita lhes proporciona, como também oferecer subsídios intelectuais na construção do conhecimento das crianças.

Segundo Monteiro (2004, p. 75)

A aprendizagem da leitura e da escrita tem sido preocupação de muitos pesquisadores, cujos trabalhos têm contribuído muito para a compreensão de como essa aquisição ocorre, ou por que não ocorre... As questões sobre o melhor método para um trabalho de alfabetização também têm sido uma constante nas reflexões e pesquisas ao longo dos séculos.

Incluído nestes pesquisadores encontra-se o psicopedagogo que de acordo com o pensamento de Monteiro (2004, p. 29) “preocupa-se em investigar e dar subsídios ao sujeito

para potencializar e fazer uso de suas capacidades na busca e aquisição do conhecimento, prevenindo os problemas de aprendizagem”. Sendo assim, o papel do psicopedagogo na aprendizagem do aluno em leitura e escrita seria o de auxiliar os professores, mostrando novos métodos a serem usados para assim acontecer um melhor aprendizado nos educandos.

Observa-se assim, que há a necessidade de o professor inovar suas práticas e sentir entusiasmo pelo que ensina aos seus alunos, pois como afirma Antunes (2003, p. 37) “o bom professor não é apenas o que informa conteúdos, mas especialista em aprendizagens que conhece os meios para propiciá-la, adaptando-os à sua disciplina, ao nível etário de seus alunos e as condições que dispõe”. Infelizmente, ainda existem aqueles professores que são maus administradores e que, apesar de informar conteúdos, não sabem administrar o tempo e o espaço das atividades, desenvolvendo mal as suas atividades de leitura e escrita perante os alunos.

Para Bacelar e Cunha (2000, p. 85),

A prática de sala de aula, não apenas de aula de leitura, não propicia a interação entre professor e aluno. Em vez de um discurso que é construído conjuntamente por professores e alunos, temos primeiro uma leitura silenciosa ou em voz alta do texto, e depois, uma série de pontos a serem discutidos, por meio de perguntas sobre o texto, que não levam em conta se o aluno de fato o compreendeu.

Portanto, vale salientar que é de fundamental importância que o professor desenvolva um trabalho intensivo, como objeto principal de ensino tanto a leitura como a escrita, evidenciando também sua capacidade de se adaptar as diferentes formas da leitura e que se mostrem conhecedores, criando condições para que as crianças possam trabalhar a leitura e a escrita em sala de aula de forma dinâmica e comprometida.

Falar sobre o incentivo em relação à aprendizagem da leitura e da escrita é sempre uma responsabilidade, haja visto que a mesma tem um processo muito complexo. No entanto para que possam ser incentivados os alunos precisam de atividades e espaço adequados que sirvam como suporte para impulsioná-los no desenvolvimento e na compreensão da leitura e da escrita.

O professor também é um eixo norteador, pois o mesmo é quem orienta os trabalhos da classe incentivando a criação de equipes, procura fazer com que os alunos encontrem as soluções dos trabalhos desenvolvidos na escola, encoraja o menor esforço de cada um, sempre tem um elogio para qualquer esforço. Se criticarem os trabalhos ou atitudes dos alunos o professor deve fazer de maneira construtiva e simpática, dessa forma é uma pessoa que antes de tudo deve procurar guiar, encorajar e estimular os interesses de seus alunos facilitando o

desenvolvimento e o incentivo a leitura, despertando nos mesmos o interesse pela aprendizagem, criando um clima de liberdade e incentivo na construção do conhecimento.

Segundo Murray (1978, p. 22)

O ser humano é grandioso, capaz de planejar qualquer atividade, desde que ele esteja motivado para sua realização. O indivíduo pode usar diversidade de fins, dependendo da maneira como ele vê o mundo, nas coisas que pensa e nas razões que desempenha.

Por esta perspectiva, percebe-se que o professor conversando com os alunos, poderá incentivá-los a aprofundarem-se nos conteúdos que lhes despertam maior interesse e para os quais sintam-se motivados a construir e realizar com atenção as atividades desenvolvidas, despertando nas mesmas o maior interesse e dedicação, pois só assim conseguirão obter bons resultados no que diz respeito ao incentivo a leitura e a escrita.

Para Bergamini (1990, p. 72) "O ato de aprender deve ser entendido como uma ação dinâmica, pois quando um sujeito aprende, adquire conhecimento mais ou menos inovador". Nesse sentido o professor deve transformar a sala de aula, em um ambiente incentivador com a intenção de provocar nas crianças emoção, suspense e diversão, criando um espaço diversificado independente da criança dominar ou não essa dimensão que é a leitura e a escrita, promovendo assim, a participação de todos de modo que as crianças com tantas opções de aprendizagem adquiram o conhecimento dessas práticas de forma espontânea e só assim possam construir novos saberes de forma incentivadora.

Nesse sentido, a leitura e a escrita contribuirão com a construção e produção de conhecimentos a partir de informações que o educando irá adquirir com a participação ativa, cuja elaboração integra o aluno ao processo educacional, pois assim percebe-se que a leitura e a escrita têm um lugar importante na vida do ser humano. Dessa forma, o aluno terá onde colher bons frutos através do que foi lido e escrito e está sendo desenvolvido durante todo o percurso que ele irá percorrer no sistema educacional e fora dele.

3 O PROCESSO DE LEITURA E ESCRITA NAS SERIE INICIAIS DA ESCOLA SANTA MÔNICA

3.1 A ESCOLA

A Escola Municipal Santa Mônica fica localizada na Rua João Silvino da Fonseca nº 101, Bairro Xique Xique em Itaporanga-PB a escola apresenta um espaço físico grande, que chega a ser apropriado para suportar e acomodar a quantidade de alunos existente naquele âmbito. Na escola estudam atualmente 208 crianças e a escola conta com 15 professores além de 4 funcionárias para limpeza e 3 secretárias que se dividem nos turnos manhã e tarde. As salas de aulas são espaçosas, sendo confortáveis e oferece carteiras suficientes para acomodar a quantidade de alunos de cada turma, mesmo que fiquem “colados” uns nos outros, ainda nas salas de aula tem ventiladores e filtro com água para as crianças e apenas uma estante para guardar os materiais de professores e alunos. Não tem sala para reuniões com os professores, tem uma cantina onde os alunos podem realizadas as refeições pelas crianças. A escola dispõe de um espaço adequado para recreação, são dois pátios com brinquedos adequados para a idade das crianças. O quadro de professores com nível superior e formação pedagógica atende à demanda de alunos. A escola possui também projeto político pedagógico elaborado pela comunidade escolar, tendo como ponto norteador a realidade dos alunos. Porém, as propostas nele contida favorecem o aprendizado de forma dinâmica e criativa fomentando no aluno o desenvolvimento de suas habilidades.

3.2 A Prática docente de Leitura e Escrita no segundo ano do Ensino Fundamental

Realizou-se a observação numa turma do 2º ano do Ensino Fundamental, turno manhã da Escola Municipal Santa Mônica. A estrutura física da escola é muito boa, as salas são amplas, com carteiras e cadeiras apropriadas, armário para guardar materiais e quadro negro. O material necessário para o andamento das aulas é suficiente e adequado. Todos os alunos residem no bairro da escola ou nos bairros vizinhos.

As disciplinas observadas nesse dia foram Português e Ciências com os seguintes conteúdos: Leitura e interpretação do texto e O Lixo.

Observou-se que a professora tem ótimo domínio da turma, conduzindo a aula com organização e firmeza e com atividades que favorecem o aprendizado. Seus métodos são passados com uma sensação de segurança e tranquilidade, próprios de quem conhece seu

ofício e o desempenha com gosto e responsabilidade. Nota-se que sente enorme prazer em ensinar. Preocupa-se muito com as dificuldades de aprendizado de seus alunos.

A turma é bastante comportada, pois está ocupada o tempo todo com atividades. A professora é muito insistente e exigente, durante a aula.

Após análise dos dados coletados, foi possível verificar que a queixa mais frequente na turma observada remete à leitura e à escrita. As competências de leitura e escrita são consideradas como objetos fundamentais de qualquer sistema educativo, pois constituem aprendizagens de base e funcionam como uma mola propulsora para todas as restantes aprendizagens. Assim, muito provavelmente, essas crianças, com tais dificuldades, apresentam lacunas em todas as restantes matérias, o que provoca um desinteresse cada vez mais acentuado por todas as aprendizagens escolares e uma diminuição na autoestima, como já citado.

Nesse contexto, coletaram-se os seguintes dados, após observações dos vinte e dois (22) alunos observados:

QUADRO 1 – NÚMERO DE ALUNOS E DIFICULDADE VERIFICADA

ALUNOS	DIFICULDADE VERIFICADA
18	Apresentam dificuldade na leitura e na escrita
05	Leem de forma decodificada;
02	Ainda não conseguem ler e escrever (nível pré silábico)
03	Já foram reprovados mais de uma vez e continuam com dificuldades na leitura e na escrita;
08	Apresentam dificuldades em diferentes disciplinas do currículo;
01	Segundo a professora, apresenta traços de hiperatividade.

Fonte: Turma do 2º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Santa Mônica.

Observou-se ainda que os alunos escutaram interessadíssimos, e em silêncio. Assim que acabou de ler, a professora comentou o texto com os alunos e os desafiou a produzirem um texto e apresentarem em voz alta. Todos leram ou tentaram ler, pois alguns ainda sentiam muita dificuldade, como se pode perceber no quadro acima. A professora encorajava os alunos e ajudava completar as palavras, durante a leitura. Após cada criança ler o seu texto era aplaudida pela professora e pelos colegas. Mesmo com toda dificuldade a professora continuou explorando a história com exercícios de completar palavras etc, incentivando assim os alunos.

As dificuldades de aprendizagem dos alunos pesquisados, na área da leitura e da escrita, podem ser atribuídas às mais variadas causas orgânicas, psicológicas, pedagógicas e socioculturais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com as concepções relacionadas às dificuldades da leitura e da escrita nas séries iniciais do Ensino Fundamental, observa-se que o trabalho com a leitura e a escrita está em constante movimento de melhorias e progressos, onde se pode inferir que quando há cooperação e organização por parte dos educadores e educandos, a aprendizagem torna-se motivante.

Diante dessa pesquisa estudada, pode-se dizer como é importante trabalhar com os alunos a leitura e a escrita de forma prazerosa, crítica e construtiva. Diante deste contexto o professor deve estar atento para que o nível de estimulação dos alunos seja adequado, pois se o estímulo for reduzido não acontece uma boa aprendizagem.

Alfabetizar através da leitura e da escrita são aspectos que elevam o crescimento cognitivo do educando e faz com que ele compreenda e construa novos significados.

É preciso que os educadores conheçam o laço existente entre o alfabetizar na leitura e na escrita, pois o ato de ler não pode ser isolado do ato de escrever, pois exerce uma influência muito forte entre leitura e escrita.

A partir da ação mediadora do professor e considerando a relação escola e leitura, constata-se que o educando se habilita a leitura a partir dessas ações. Dessa forma para tornar o indivíduo um leitor ativo e competente, o ideal é incentivá-lo e despertar nele o gosto e o prazer pela leitura.

Assim, deve-se relacionar os conteúdos com interesses, necessidades e problemas próprios de cada idade ou fase de vida dos alunos. O progresso é mais rápido quando os alunos conhecem que as tarefas coincidem com seus interesses e com a realidade deles, o nível de motivação aumenta também. É importante que os educadores, especialmente nas séries iniciais do ensino fundamental, procurem conhecer novos métodos, novas fontes de pesquisa, a fim de rever a sua própria prática pedagógica e tornar-se em produto de conhecimento, onde os educandos perceberão a importância da leitura e da escrita, alcançando novas competências na escola e fora dela, ou seja, na vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003 (Série Aula, 1)

BACELAR, Lucidalva Pereira; CUNHA, Maria Josenilde Costa. **Metodologia do ensino de português**. Ceará, 2000.

BAKTIN, Mikail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6 ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

BERGAMINI, Cecília W. **Motivação**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 1990.

BRASIL. Ministério da Educação e dos Desportos. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 2001.

CAGLIARI, Luiz Carlso. **Alfabetização e lingüística**. São Paulo: Scipione, 1989.

FERREIRO, Emília. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre. Artes Médicas, 1995.

GERALDI, João Wanderley (org.). **O texto na sala de aula**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2005.

GUIMARÃES, Elisa. **A prática do planejamento participativo: na educação e em outras instituições, grupos e movimentos dos campos cultural, social, político, religioso e governamental**. Petrópolis,RJ: Vozes, 1995.

MONTEIRO, Mara M. **Leitura e Escrita: uma análise dos problemas de aprendizagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

MURRAY, Edward J. **Motivações e emoção**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

SOARES, Magda. **Uma proposta para o letramento**. 1ª ed. Moderna: São Paulo, 2002.

SMITH, Frank. **Compreendendo a leitura:** uma análise psicolinguística da leitura e do aprender a ler. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VIGOTSKY, Lev. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes, 4 ed, 2002.